

A SÍNCOPE REVISITADA: ANÁLISE COM BASE NO CORPUS DO ALiMA¹

Arthur Pereira SANTANA²

RESUMO: Estudo que analisa a síncope em proparoxítonas no falar maranhense. Investiga-se os motivadores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o aparecimento do fenômeno na fala de 44 indivíduos (homens e mulheres), naturais de 10 municípios maranhenses, distribuídos igualmente em duas faixas etárias. Baseado metodologicamente na sociolinguística, o estudo aponta a relevância do traço de articulação da vogal, do contexto fonológico precedente, do contexto fonológico seguinte, da escolaridade e da localidade, como condicionantes do fenômeno. Assim, pôde-se concluir que o fenômeno ocorre em contextos específicos, e não gerais (ARAÚJO, 2007), bem como que os fatores extralinguísticos atuam de forma conjunta sobre o fenômeno investigado, não exercendo, portanto, influência isoladamente.

Palavras-chave: Proparoxítonas; Síncope; Tonicidade.

1 INTRODUÇÃO

O sistema acentual do português tem sido alvo de diversas análises que buscam entender e mapear seu funcionamento. Autores como Câmara Jr. (1970), Bisol (1992), Wetzels (1992), Lee (1995) e Cagliari (1999) são responsáveis por análises que culminaram em três hipóteses basilares a respeito do acento no PB – a hipótese do acento livre, segundo a qual o acento seria definido lexicalmente; a hipótese do molde trocaico, na qual a estrutura silábica define o acento; e a hipótese do acento morfológico, que vincula a tônica à estrutura do vocábulo (cf. NETTO, 2007).

Tais hipóteses, entretanto, não conseguem explicar o comportamento dos proparoxítonos no português em sua plenitude. A possível extrametricidade dos vocábulos cuja tônica recai na antepenúltima sílaba corrobora a ideia da

¹ Um recorte deste trabalho foi enviado para publicação nos anais do V *Seminário Internacional de Fonologia*. Pesquisa orientada por Professor Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra.

² Aluno dos cursos de Letras e Comunicação Social – Jornalismo da UFMA. Auxiliar de pesquisa do projeto ALiMA. Bolsista de iniciação científica da FAPEMA.



“marginalidade” das proparoxítonas, como classifica Câmara Jr. (1997), que seria responsável por uma eminente tendência à modificação. Juntar-se-ia a isso, o fato de esse tipo de vocábulo ter entrado tardiamente no léxico do português e o seu caráter predominantemente erudito.

Araújo *et al* (2007, 2008), por sua vez, propõem uma abordagem que interpreta os processos de redução como restritos e não gerais. Assim, acreditam que as proparoxítonas, ao serem reduzidas a paroxítonas, o fazem por conta de um contexto fonológico específico, favorecedor do fenômeno.

Este artigo tem por objetivo verificar tal interpretação por meio do uso de dados reais de fala, oriundos do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA. A amostra foi constituída com base em entrevistas com 44 informantes distribuídos igualmente em dez municípios das cinco mesorregiões do Estado do Maranhão.

Dessa forma, pretendemos discutir, também, possíveis fatores externos à língua condicionadores do fenômeno da síncope, visto como o apagamento da vogal postônica não final, causadora de uma alteração na tonicidade do vocábulo, ou seja, que converte o proparoxítono em paroxítono.

Os resultados aqui apresentados são, portanto, fruto não somente de uma análise estatística do fenômeno, mas também de um diálogo com estudos da mesma natureza sobre o comportamento do acento no português brasileiro e a respeito das proparoxítonas em outros falares do país.

O estudo está organizado da seguinte forma: primeiramente, revisamos a literatura específica e apresentamos um panorama dos estudos realizados sobre a questão da síncope em proparoxítonas; depois, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa, seguida por uma análise geral da variação de proparoxítonas no falar maranhense. As análises estatísticas e as discussões dos resultados concluem o artigo que se encerra com nossas considerações finais.

2 O QUE SE DIZ A RESPEITO DAS PROPAROXÍTONAS?

Por serem fenômenos recorrentes na linguagem popular, a variação e a redução de proparoxítonas foram descritas em alguns dos primeiros estudos brasileiros em linguística sobre o Português rural.

Em *A língua do Nordeste*, obra publicada em 1945, que tomava como base o Português falado em Alagoas e Pernambuco para suas análises, Marroquim (1996, p. 73) destaca que a síncope é um fenômeno comum devido à “dificuldade de pronunciar o proparoxítono”. Para ilustrar, o autor destaca vocábulos como *porva*, *prinspe* e *poliça* (pólvora, príncipe e polícia, respectivamente).

Antes mesmo de Marroquim, Amadeu Amaral, em 1920, cita vocábulos como *corgo* e *estamo* (córrego e estômago), identificando-os como recorrentes no Dialeto Caipira, título de sua obra.

Por se tratar de estudos pioneiros e de caráter primordialmente descritivo, não há registros sobre a frequência de ocorrência do fenômeno na fala dos indivíduos. O mérito desses trabalhos está, portanto, no pioneirismo e no registro do Português da época. Além disso, podemos perceber que a noção de que os proparoxítonos são, de alguma forma, diferentes, se comparados aos paroxítonos, ou até mesmo estranhos ao Português, por conta de fatores como a entrada tardia no léxico do Português, começa a ser difundida tão logo a linguística no Brasil dá seus primeiros passos.

Ainda, com base na descrição feita naquele período, podemos perceber que a síncope é o principal fenômeno de caráter fonético-fonológico responsável pela suposta rejeição dos proparoxítonos.

Assim, já nos dias de hoje, Laura Quednau, em estudo publicado em 2002, analisa a realidade das proparoxítonas fazendo um percurso desde o latim até o Português arcaico.

Segundo Quednau (2002), a síncope em proparoxítonas, apesar de extremamente estigmatizada, é um fenômeno notado desde o latim clássico e que foi intensificado na passagem para o latim vulgar. Sendo assim, a síncope de proparoxítonas é um fenômeno herdado do latim e perceptível em outras línguas como o grego clássico e o italiano.

Para a autora, a síncope nos proparoxítonos em latim seria responsável pela não ocorrência de vocábulos de acento antepenúltimo no Português arcaico. Quednau (2002) ainda afirma que, mesmo que os autores não sejam unânimes com relação a tal constatação, apenas na segunda fase do Português arcaico, a da prosa histórica, com a latinização da cultura, é que as proparoxítonas voltam a ser incorporadas ao léxico.

Amaral (2002) faz um levantamento dos vocábulos proparoxítonos no Português e observa que dos 120.000 verbetes presentes no dicionário Aurélio, apenas 8.520 possuem tonicidade na antepenúltima sílaba, evidenciando o porquê de Câmara Jr., na

década de 70, afirmar que os “esdrúxulos” são, no Português, “um tanto marginais” (1976, p. 35).

Além disso, a autora ainda afirma que “a síncope em proparoxítonas é previsível, ou seja, o falante tem consciência das regras fonotáticas da língua ao reduzir sílabas, apagar segmentos ou inserir outros” (p. 102).

Assim, Araújo *et al* (2008) sintetizam os argumentos mais utilizados para a não inclusão das proparoxítonas em uma teoria geral a respeito do acento no Português brasileiro. São eles:

- (i) A baixa frequência de uso;
- (ii) A entrada tardia no léxico do Português;
- (iii) A extrametricalidade da vogal/sílaba final.

Todavia, os autores defendem que não há evidências suficientes que provem que o falante evita o uso de proparoxítonas e que os vocábulos proparoxítonos sempre existiram no Português, ressaltando, ainda, que ao mesmo tempo em que as palavras proparoxítonas sofrem redução, há casos em que as oxítonas se transformam em paroxítonas e que as paroxítonas passam a proparoxítonas.

Baseando-se em um *corpus* composto de 150.875 palavras retiradas do Dicionário Houaiss, ainda afirmam que determinados contextos fonológicos favoráveis ao fenômeno são os responsáveis pelos casos de redução e descarta a influência de fatores extralinguísticos como principais condicionantes do fenômeno.

Dessa forma, Araújo *et al* (2008) buscam tratar as proparoxítonas não mais como simples exceções. Considerá-las, portanto, como estranhas, dar-se-ia pelo fato de ainda não se conseguir incluí-las em uma teoria geral a respeito do acento no PB, e não pelo fato de elas serem externas ao Português.

Buscamos, pois, neste artigo, observar o que é defendido por Araújo *et al* (2008) em dados reais de fala. Para isso, utilizamos a metodologia descrita no tópico seguinte.

3 METODOLOGIA

O *corpus* utilizado neste estudo foi selecionado do banco de dados criado para a elaboração do Atlas Linguístico do Maranhão e constituído por inquéritos realizados pelos pesquisadores do Projeto ALiMA.

Littera Online

Foi analisada a fala de 40 informantes, distribuídos por sexo e com escolaridade até a 4ª série, provenientes igualmente de 10 municípios maranhenses – São Luís, Pinheiro, Turiáçu, Imperatriz, Brejo, São João dos Patos, Bacabal, Tuntum, Balsas e Alto Parnaíba – que fazem parte da rede de pontos do ALiMA e que estão indicados na figura a seguir.



Além disso, analisamos a fala de mais 4 informantes de São Luís com nível superior completo, para que seja possível investigar a influência da variável escolaridade na variação de proparoxítonas no Estado, ao compará-los aos outros quatro informantes de São Luís com baixa escolaridade.

A análise estatística dos dados e a verificação de percentuais de ocorrência da variação das proparoxítonas foram realizadas por meio da codificação dos dados e do uso do pacote de programas VARBRUL.

Esse programa analisa as ocorrências descritas e, por meio da codificação de dados, cruza as variáveis, listando-as em ordem de relevância para o aparecimento do fenômeno, valendo-se de pesos relativos.

Foram analisados, na fala de cada informante, 26 vocábulos proparoxítonos que nos permitiram observar diversos contextos fonológicos e, a partir disso, analisar a maior ou menor influência de cada contexto para o aparecimento da síncope em

proparoxítonos. É necessário ressaltar, entretanto, que a síncope só foi observada em 13 deles, ou seja, em metade dos vocábulos selecionados para análise.

Acreditamos que com esta metodologia seja possível alcançar conclusões seguras a respeito dos aspectos linguísticos e extralinguísticos que influenciam o aparecimento ou não do fenômeno em questão e, conseqüentemente, traçar um paralelo com o que se diz atualmente sobre os vocábulos de acento antepenúltimo.

4 AS PROPAROXÍTONAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

4.1 A manutenção da tônica

No Português, o acento primário pode ocupar as três últimas posições do vocábulo, classificando-os, assim, como oxítonos, paroxítonos ou proparoxítonos. Dentre eles, as palavras proparoxítonas são as que apresentam o menor número de representantes no léxico do Português e, por conta disso e pelo problema que gera a formulação de uma teoria geral a respeito do acento no PB, tem sido objeto de diversos estudos.

A variação dos vocábulos proparoxítonos pode ser sensível ou não ao acento. Em nossa amostragem, observamos, além da síncope, casos de variação no âmbito da vogal postônica não final, tais como dissimilação (1c), alteamento das médias (1^a e 1b) e mesmo abaixamento (1d).

(1)

(a) Hóspede > [ˈɔspidʒɪ]

(b) Fósforo > [ˈfɔsfurɔ]

(c) Fósforo > [ˈfɔsfɛrɔ]

(d) Árvore > [ˈavɔrɪ]

Tais fenômenos ocorrem, como afirma Bisol (1992 *apud* CASTRO; AGUIAR, 2007), com o objetivo de que haja uma harmonização entre os traços vocálicos, resultado de uma tentativa de aproximação dos pontos de articulação, observado no caso de *fósforo*, na assimilação da posição mais alta da consoante labiodental “f” pela vogal média “o”.

É interessante observar, ainda, que em alguns casos o alçamento vocálico tem como resultado um item lexical pouco ou nada estigmatizado, por ser extremamente comum na linguagem oral, a exemplo de: [ˈaxvurɪ] e [ˈɔspidʒɪ].

Alvos, na maioria das vezes, de menor estigmatização, se comparadas aos casos de redução, as formas que apresentam algum tipo de variação, mas que mantêm a posição da sílaba tônica, ou seja, continuam proparoxítonas, em nossa amostragem são mais numerosas que os casos resultantes de redução, mesma realidade encontrada por Aragão (2000) em seu estudo sobre as proparoxítonas no falar de Fortaleza.

Pudemos observar, assim, que a ideia ainda muito difundida de que o falante rejeita os vocábulos proparoxítonos não condiz com a frequência de uso observada em nossos dados. Ou seja, a ideia de que há uma tendência iminente a redução não condiz com o que temos observados.

4.2 A redução de proparoxítonos

A síncope, fenômeno caracterizado pelo apagamento de um segmento no interior de um vocábulo, é o principal fenômeno responsável pela mudança na posição da tônica em proparoxítonas, tomando como base nossa amostragem.

O fenômeno, embora recorrente, é alvo de estigmatização social na maioria dos casos em que se apresenta, por ser visto como característico de indivíduos sem escolarização e de áreas rurais ou afastadas dos grandes centros urbanos³.

Entretanto, é interessante ressaltar que há casos em que a síncope não é perceptível ao falante, deixando, assim, de ser alvo de estigmatização. Em casos de proparoxítonas no diminutivo, por exemplo, o fenômeno é acompanhado de uma mudança da sílaba tônica e passa a ser a forma padrão.

(2)

abóbora > abobrinha
xícara > xicrinha
cócega > cosquinha

Araújo *et. al* (2008), entretanto, defendem que tal variação só ocorre em ambientes favoráveis específicos, não se aplicando a todos os vocábulos de acento antepenúltimo.

Assim, para Amaral (2002), alguns contextos fonético-fonológicos favorecem o processo de redução de proparoxítonas. Em seu estudo, ao analisar o contexto

³ Analisaremos, entretanto, a seguir, com a ajuda do Varbrul, a relevância da variável localidade para a síncope de proparoxítonas .

fonológico seguinte dos vocábulos de sua amostragem, a autora constatou que as líquidas são as principais responsáveis pelo apagamento da vogal postônica não-final, já que favorecem, no Português, o surgimento de ataque complexo, como é o caso de [ˈavri] e [ˈfɔsfɾu].

A síncope, apesar de mais frequente, não é o único fenômeno que leva à redução de proparoxítonas. Em nossa amostragem, a apócope de toda a última sílaba pode ser observada nas realizações listadas em 3.

(3)

Lâmpada > [lɛ̃pɐ]

Hóspede > [ˈɔspi]

Fósforo > [ˈfɔsfu]

Percebemos, ainda, em nossos dados, formas que evitam vocábulos proparoxítonos, como a utilização de outros vocábulos que apresentam a mesma carga semântica, mas sem que a acentuação recaia sobre a antepenúltima sílaba (relâmpago > corisco) ou, ainda, o deslocamento do acento para a sílaba seguinte (vômito > vomito⁴).

Nossa amostragem, entretanto, não possibilita que percebamos casos, como os descritos por Aragão (2000), de queda da vogal tônica (espírito > esprito), o que nos leva a crer que esse seja um fenômeno restrito a ambientes estruturais muito particulares e, portanto, pouco recorrente na linguagem popular.

Focaremos, portanto, nossa análise de maneira mais específica, como mencionamos anteriormente, na síncope de proparoxítonas.

5 A SÍNCOPE

Para a análise da síncope de proparoxítonas em uma perspectiva sociolinguística e dialetológica, como a utilizada neste estudo, controlamos fatores linguísticos (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, traço de articulação da vogal, peso da sílaba e extensão da palavra) e extralinguísticos (faixa etária, sexo, localidade e escolaridade).

⁴ *Vomito* ([võˈmitu]) foi dado como resposta por vários informantes para a pergunta: “O que uma pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?”

5.1 Traço de articulação da vogal

O programa selecionou como fator de maior relevância para o aparecimento de síncope em proparoxítonas o traço de articulação da vogal. Sabemos, pois, que os sons vocálicos são aqueles cuja passagem de ar pelo trato vocal não sofre qualquer fricção ou interrupção (cf. SILVA, 2009). Dessa forma, o que os diferencia são, no momento da articulação, a posição da língua e o arredondamento maior ou menor dos lábios.

Vogais labiais são as vogais que, para serem articuladas, necessitam de maior arredondamento dos lábios. Sendo assim, classificamos dessa forma /u/ e /o/. Sons *dorsais*, por sua vez, “são os sons articulados com a parte de trás do dorso da língua” (SILVA, 2011, p. 96). Com relação às vogais, classificamos como dorsal o /a/.

Finalmente, sons *coronais* são aqueles articulados com o elevamento do dorso ou da ponta da língua, acima do “ponto neutro”: /e/ e /i/.

Nossos resultados demonstram que as vogais labiais são as que mais favorecem a síncope, como observamos na tabela a seguir.

Tabela 1 - Fator traço de articulação da vogal

FATOR	APL. TOTAL	RECORRÊNCIA	PESO RELATIVO
Dorsal	12/134	12%	0,267
Coronal	58/183	24,1%	0,562
Labial	50/122	29,1%	0,624

Em nossos dados, dentre os vocábulos cuja vogal a sofrer síncope é labial, temos: *fósforo*, *árvore*, *abóbora*, *pólvora*, *clavícula* e *rótula*. Os resultados propostos pelo programa e a análise de nosso universo de realizações nos possibilitam observar que todos os outros vocábulos, após o apagamento da vogal postônica não-final, também possibilitam o surgimento de um ataque complexo, ou seja, possuem um ambiente propício para a supressão de um segmento em seu interior.

Araujo *et. al* (2008) ao descreverem os contextos propícios ao aparecimento da síncope, afirmam que

por definição, (...) o processo de síncope não ocorre quando as consoantes /p t k b d g f v / estiverem, após a realização da síncope, nas posições de coda da tônica e onset da pós-tônica não-final. Isso se dá pelo fato de essas consoantes não serem permitidas no sistema do PB, se houvesse apagamento da vogal pós-tônica não-final, nem como coda da tônica, nem como segundo elemento de um *onset* complexo da pós-tônica resultante.

O vocábulo *fígado*, que compõe nosso *corpus*, ilustra tal afirmação, já que o apagamento da vogal postônica /a/ impossibilitará, para os padrões do Português, a realização do vocábulo */*figdo*/. Tal impossibilidade, entretanto, não determina a não-variação do vocábulo. Em nossa amostragem, observamos que a estratégia usada pelo falante que busca a redução de proparoxítona é o apagamento da sílaba final – [*fíga*] – ou o apagamento, concomitante, da vogal postônica não-final e da consoante seguinte: [*fígo*].

Assim, em casos em que o contexto resultante do processo de síncope é impedido pela estrutura fonotática do Português, o fenômeno não deixa de aparecer, mas o faz paralelamente a outros fenômenos que possibilitarão, ao fim, uma estrutura aceita pelos padrões mais usuais da língua.

É válido ressaltar, entretanto, que os dados estatísticos mostram que quanto menor a sequência de fenômenos utilizados para que o contexto fonológico resultante respeite os padrões da língua, maior a probabilidade de que a variação ocorra.

Ainda sobre as vogais e os vocábulos proparoxítonos, Araujo *et. al* (2008) atestam que

Palavras proparoxítonas têm 2,6 vezes mais chances de terem a vogal [ɛ] na posição acentuada e 4,4 vezes mais chances de ter a vogal [ɔ] na posição acentuada do que palavras com acento não-proparoxítono. Isso sugere que há uma correlação entre acento e vogais médias abertas em palavras proparoxítonas (WETZELS 1991, 1992).

Por sua vez, em nossos dados, pudemos perceber que na posição pós-tônica as vogais médias abertas são as mais suscetíveis à síncope. É necessária, portanto, uma análise mais profunda a respeito da relação entre vogais e o acento em proparoxítonos, já que tanto em posição tônica como em posição postônica as médias abertas parecem exercer forte influência.

5.2 Contexto fonológico precedente

O segundo fator escolhido pelo programa em ordem de relevância foi o contexto fonológico precedente, ou seja, o ambiente que é ocupado pelos fonemas que ocorrem antes da vogal a ser apagada.

Dessa forma, a análise estatística mostrou que são as alveolares que mais favorecem o apagamento da vogal postônica não-final, como pode ser visto a seguir.

Dessa forma, percebemos que são as alveolares que favorecem a formação de nova sílaba após o apagamento da vogal. Nosso universo de realizações ratifica a ideia de autores como França (2009), tendo em vista o alto número de realizações de ['kɔskɐ] observados.

Nesse caso, a sibilante anterior à vogal postônica, após ser apagada, passa a compor uma coda bem formada, ligando-se à sílaba anterior.

Araújo (2007, p. 46) descreve realizações como essas da seguinte forma:

A sílaba pós-tônica não final é formada por uma consoante e uma vogal [i], sendo que a consoante é uma realização das consoantes contínuas coronais /s, z/. Nesse caso, a vogal pode ser apagada, ocorrendo espalhamento do traço [voz] para o *onset* da sílaba seguinte.

Tabela 2 - Fator contexto fonológico precedente

FATOR	APL. TOTAL	RECORRÊNCIA	PESO RELATIVO
Labial	40/203	16,5%	0,470
Alveolar	39/63	38,2%	0,703
Labiodental	31/82	27,4%	0,397
Velar	10/54	15,6%	0,453

A análise do contexto fonológico seguinte, feita a seguir, nos possibilitará, assim, uma visão mais geral a respeito do contexto geral que favorece o apagamento da postônica não-final.

5.3 Contexto fonológico seguinte

A variável contexto fonológico seguinte foi a terceira considerada mais relevante, diferentemente do que ocorre nas pesquisas de Amaral (1999) e Lima (2008), que tiveram a mesma variável como a primeira a ser escolhida.

Por conta dos vocábulos proparoxítonos encontrados no banco de dados do Projeto ALiMA, dividimos este fator em oclusiva, líquida lateral e líquida vibrante, como mostra a tabela que segue.

Tabela 3 - Fator contexto fonológico seguinte

FATOR	APL. TOTAL	RECORRÊNCIA	PESO RELATIVO
Oclusiva	51/322	15,8%	0,435
Líquida Lateral	3/22	13,6%	0,100
Líquida vibrante	66/215	30,7%	0,650

Fósforo, árvore, úbere, abóbora, pólvora, útero, número e elétrico, alvos de nosso estudo, são alguns dos vocábulos obtidos nas respostas dadas aos questionários aplicados pelo ALiMA. A listagem desses vocábulos nos permite evidenciar, mais uma vez, o que afirma Lima (2008, p. 92) em seu estudo:

(...) no Português brasileiro, uma estrutura silábica formada por ataque complexo terá na segunda posição do ataque uma líquida lateral /l/ ou uma líquida vibrante /r/. Dessa forma, as palavras, que apresentam uma líquida na sílaba que segue a postônica, possibilitam o apagamento da vogal, favorecendo a síncope. (...) Esse resultado comprova que o apagamento da vogal postônica em palavras proparoxítonas só é permitido se, no processo de ressilabação, a consoante flutuante for incorporada à sílaba seguinte, formando uma nova estrutura silábica permitida na língua.

Tal fato, portanto, esclarece a razão pela qual /*fósfro*/, /*árvri*/ e /*ábobra*/ são tão recorrentes em nossa amostragem, já que conseguem acumular diversos fatores selecionados pelo programa como condicionantes para a síncope em proparoxítonas, relevando o quão propício são esses contextos para o aparecimento do fenômeno.

5.4 Extensão da palavra

Para Araujo *et. al* (2008, p. 85), “com o aumento do número de sílabas das palavras há uma tendência geral de reduzir a frequência de uso, que parece ser uma pouco mais acentuado no caso das proparoxítonas”.

Nossa análise tentou observar se a extensão da palavra exercia alguma influência no apagamento da postônica não-final. Embora o programa tenha selecionado essa variável, não acreditamos que seja realmente atuante para a implementação do fenômeno. A Tabela 4 nos ajuda a entender o motivo.

Tabela 4 - Fator extensão da palavra

FATOR	APL. TOTAL	RECORRÊNCIA	PESO RELATIVO
Três sílabas	94/438	21,5%	0,563
Mais de três sílabas	26/121	21,5%	0,286

Como podemos observar, o peso relativo do fator *trissílabo* é muito próximo ao ponto neutro. Além disso, o fato de possuímos relativamente poucos casos de vocábulos polissílabos em nossa amostragem, não nos permite afirmar com segurança que tal fator é, verdadeiramente, relevante.

Além disso, estudos como os de Amaral (1999), Lima (2008) e França (2009) não apontam esse fator como relevante para o fenômeno da síncope. França (2009, p. 180) chega a afirmar que “isso demonstra que a síncope não é fruto decorrente diretamente do fato de as palavras estudadas terem três ou mais sílabas, ou em outras palavras, que o fator extensão não é fundamental para que o apagamento ocorra”.

5.5 Localidade

A variável diatópica (e suas implicações de ordem social, econômica e cultural) influencia a variação linguística e pode ser considerada como um dos diversos fatores que atua na mudança de uma língua.

Para Bortoni-Ricardo (2004), o contínuo da urbanização é responsável por severas transformações não somente na língua, mas, principalmente, na relação que os

indivíduos inseridos em uma comunidade têm com ela e com as variações nela presentes. Sobre essa relação, a autora observa que

Enquanto os falantes rurais ficavam muito isolados pelas dificuldades geográficas de acesso, como rios e montanhas, e pela falta de meios de comunicação, as comunidades urbanas sofriam a influência de agências padronizadoras da língua, como a imprensa, as obras literárias e, principalmente, a escola. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Dessa forma, nossos dados levaram o Varbrul a selecionar a variável localidade como relevante para o surgimento da síncope, destacando-se nesse contexto o município de Tuntum, Pinheiro e São João dos Patos⁵ como as localidades que apresentaram o maior número de realizações do fenômeno.

Tabela 5 - Fator localidade

FATOR	APL. TOTAL	RECORRÊNCIA	PESO RELATIVO
Pinheiro	16/58	27,6%	0,631
Balsas	16/58	27,6%	0,591
Alto Parnaíba	10/55	18,2%	0,457
Brejo	7/57	12,3%	0,346
Bacabal	12/55	21,8%	0,550
Imperatriz	13/59	22%	0,503
S. J. dos Patos	15/51	29,4%	0,630
Tuntum	17/56	30,4%	0,644
Turiação	11/56	19,6%	0,495
São Luís	3/54	5,6%	0,192

Como todos os informantes analisados para o estudo da influência do fator geográfico possuem o mesmo nível de escolaridade, ensino fundamental incompleto variando somente a localidade, percebemos que em São Luís o contato com as variantes

⁵ É necessário, pois, que em análises futuras seja feita uma análise mais profunda a respeito do contexto desses municípios para explicar o porquê da grande recorrência do fenômeno.

de maior prestígio, além de influenciar no falar dos indivíduos, torna as formas não-padrão ainda mais estigmatizadas, forçando os falantes não somente a se policiarem, mas também a almejarem a condição de usuários da variante culta.

Sobre o fato de o processo de redução de proparoxítonas no Português ser característico apenas do falar rural, Aguilera (1994, p. 812) afirma que:

(...) todas as demais variantes dos outros vocábulos não apresentam uma correlação entre uma forma específica e sua distribuição diatópica. Este fato corrobora a hipótese de que o fator geográfico não é determinante da frequência de uso de proparoxítonas ou paroxítonas.

Tal hipótese ainda é reforçada pelo fato de esse processo ser percebido no Brasil em sua totalidade, tanto em áreas rurais como urbanas. O programa, por exemplo, apontou a segunda maior cidade do Estado – Imperatriz – como relevante para o aparecimento de síncope.

Esta realidade nos levou a investigar mais a fundo o caso do município, já que os traços de urbanidade, aparentemente, ainda não produziram efeitos na língua. Percebemos, assim, que os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB evidenciam que o município não avançou no que diz respeito ao desenvolvimento educacional: em 2005, 2007 e 2009, o município obteve o índice de 3,6, inferior, por exemplo, ao do município de Balsas, que ocupa a terceira posição no *ranking* dos municípios maranhenses, tendo como parâmetro o PIB⁶.

Tal fato nos possibilita observar de maneira mais clara como as variáveis linguísticas e extralinguísticas não operam de modo autônomo, e sim exercem influência umas sobre as outras constantemente, já que é impossível analisar a questão da localidade, por exemplo, sem levar em consideração a variável escolaridade, enfocada no tópico seguinte.

5.6 Escolaridade

Como já apontamos anteriormente, para que pudéssemos analisar a influência da escolaridade na realização do fenômeno, foi necessário utilizar inquéritos realizados com informantes que possuem curso superior completo.

⁶ Segundo informações do Governo do Estado do Maranhão, divulgadas no site <http://www.gabmilitar.ma.gov.br/pagina.php?IdPagina=2055>

Dessa forma, as rodadas com os dados de informantes do município de São Luís, dos dois níveis de escolaridade de que dispomos, e que foram previamente descritos, apresentou com resultado um *nocaute*, nome dado pelo programa quando o fenômeno analisado não apresenta variação e, por isso, não pode ser analisado estatisticamente, necessitando ser eliminado.

Em outras palavras, o programa observou que, entre os informantes de São Luís com nível superior completo, não houve nenhum caso de síncope da vogal postônica não-final em proparoxítonas, ou seja, não houve variação, daí o *nocaute*.

Isso nos leva a concluir, portanto, que a variável escolaridade é relevante para o aparecimento do fenômeno, já que indivíduos com maior escolaridade, como mostram nossos dados, tendem a não reduzir as proparoxítonas. Por outro lado, os informantes de São Luís, com nível de escolaridade fundamental incompleto, apresentaram casos de síncope, ainda que em número reduzido, por conta das pressões de agências padronizadoras e da influência do fluxo de urbanização presente na capital.

Fica clara, portanto, a influência da escolaridade nos processos de variação de proparoxítonas. O mesmo resultado é encontrado por Aguilera (1995) e Castro (2001), em suas respectivas pesquisas sobre o falar paranaense, e por Aragão (2000) sobre o falar de Fortaleza. Aguilera (1995, p. 818) ainda afirma que

Dos fatores extralinguísticos testados, o grau de escolaridade tem uma ampla influência na escolha entre realizações proparoxítonas e paroxítonas, comprovado pela preferência de 62% dos escolarizados por formas proparoxítonas e 64% dos não escolarizados pelas paroxítonas.

É interessante observar que, além da clara influência da escolaridade dos indivíduos na redução ou variação de proparoxítonas, exerce forte influência sobre outros motivadores sociolinguísticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Araujo *et. al* (2007, 2008) propõem uma nova abordagem para os vocábulos de acento antepenúltimo com o objetivo de incluí-los nas teorias gerais a respeito do acento no Português, que os rejeitavam por motivos como a suposta entrada tardia no léxico, a baixa frequência de uso e, a conseqüentemente, a iminente tendência à modificação.

Em nossos dados, pudemos observar que, assim como defende o autor, é o contexto fonológico o grande responsável pelo aparecimento de fenômenos que mudam o padrão acentual dos proparoxítonos. Ligado a isso, o fato de o número de casos de manutenção da tônica ser maior que os casos de redução, por meio de fenômenos diversos, é contrário à ideia de que as proparoxítonas obedecem a uma tendência à modificação.

Sendo assim, observamos que o fenômeno foco deste estudo, a síncope, é mais propensa a aparecer quando o apagamento da postônica não-final resulta em um ataque complexo ou em uma coda bem formada. Ainda percebemos que, quando o contexto não se mostra favorável, é possível que a síncope ocorra paralelamente a outros metaplasmos que resultem em um contexto final possível e não estranho ao Português, ainda que com menos frequência se comparados a quando o ambiente é favorável à implementação do fenômeno.

Com relação aos fatores externos, ressaltamos a relevância, principalmente, da variável escolaridade que, como pudemos observar, é reponsável pela consciência que o indivíduo passa a ter de que o uso de formas padrão, de forma geral, será responsável por maior respaldo social.

Nossos dados não nos permitem analisar questões como a data de entrada do vocábulo no léxico do Português, um dos argumentos apresentados para a não inclusão dos vocábulos de acento antepenúltimo nas teorias a respeito do acento na língua. Entretanto, pretendemos, em trabalhos futuros, analisar a questão da frequência de uso de vocábulos proparoxítonos na fala dos indivíduos de nossa amostragem.

Ainda, é necessário que análises mais pontuais a respeito de questões como o apagamento da tônica em proparoxítonos, a flutuação de acento em proparoxítonos no diminutivo e a relação entre acento/síncope e vogais labiais sejam feitas.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci. As proparoxítonas na linguagem popular e rural paranaense. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANAPOLL, 9., *Caxambu*, 1994. *Anais...* João Pessoa: ANPOLL, 1995, v. 2, p. 808-818.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4 ed. São Paulo: HUCITEC/INL, 1982 (1 ed. 1920).
- AMARAL, Marisa Porto do. *As proparoxítonas: teoria e variação*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

- _____. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do Português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-126.
- ARAUJO, Gabriel Antunes de. A proparoxítona e o sistema acentual do Português. In: _____. (Org.). *O acento em Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ARAUJO, Gabriel Antunes; GUIMARAES-FILHO, Z. O; OLIVEIRA, Leonardo; VIARO, M. E. *Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do Português*. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), v. 50, p. 69-90, 2008.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. As palavras proparoxítonas no falar de fortaleza. In: *Acta Semiotica et Linguistica*. São Paulo, v. 8, p. 61-88, 2000.
- BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- _____. O acento e o pé métrico binário. *CEL* 22, 1992. p. 69-80.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial. 2004.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Acento em Português*. Edição do autor. Campinas: 1999.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do Português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CÂMARA JR., Joaquim Matoso. Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970. _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CASTRO, M. C. D.; AGUIAR, M. S. O alçamento e abaixamento vocálicos no dialeto da região dos gerais de Balsas. *SIGNÓTICA*, v. 19, p. 277-298, 2007.
- CASTRO, Vandarsi Sant'Ana. A redução de proparoxítonas no Português popular do Brasil: estudo com base em dados do Atlas Linguístico do Paraná (ALPR). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 1, 2001. (Publicado em meio eletrônico).
- FRANÇA, Sebastião Aduato. *O apagamento da vogal postônica não-final por falantes de Jaru – Estado de Rondonia*. Acta Scientiarum. Language and cultura (online). v. 31, n. 2, p. 169 – 182, 2009.
- LEE, Seung Hwa. *Morfologia e fonologia lexical do Português*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 1995.
- _____. O acento primário no Português: uma análise unificada na teoria da otimalidade. In: ARAUJO, Gabriel Antunes de (org.). *O acento em Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LIMA, Giselly de Oliveira. *O efeito da síncope nas proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano*. 2008. 216 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- MARROQUIM, Mário A. *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Curitiba: HD livros, 1996.
- NETTO, Waldemar Ferreira. O acento na língua portuguesa. In: ARAUJO, Gabriel Antunes de (org.). *O acento em Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- QUEDNAU, Laura Rosane. A evolução do latim clássico para o latim vulgar. *SIGNUM*, v. 17, n. 1 p. 123-147, 2004.
- _____. A síncope e seus efeitos em latim e Português arcaico. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do Português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-126
- SANTANA, Arthur. A permanência da tônica em variantes proparoxítonas no falar maranhense: um estudo com base nos dados do ALiMA. In: Conceição de Maria de

Araujo Ramos; José de Ribamar Mendes Bezerra; Maria de Fátima Sopas Rocha. (Org.). *O Português falado no Maranhão: múltiplos olhares*. São Luís: EDUFMA, 2010, v. 1, p. 73-87.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

WETZELS, Leo W. Mid-vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *CEL* 23, p. 19-55, 1992.

_____. Primary word stress in Brazilian Portuguese and the weight parameter. In: *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 6, p. 9-58, 2007

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao Português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

A SÍNCOPE REVISITADA: ANÁLISE COM BASE NO CORPUS DO ALiMA

ABSTRACT: Study that analyzes the syncope in proparoxitones on Maranhão's speech. It searches the linguistics and extra linguistics motivators that leads to the emergence of the phenomenon on the speech of 44 individuals (men and women), born and raised in 10 different cities of Maranhão, equally distributed into two age groups. Methodologically based on the sociolinguistics theory, the paper highlights the relevancy of vowel articulation feature, precedent phonological context, following phonological context, schooling and locality as relevant towards the phenomenon appearance. Thus, it concludes that the phenomenon occurs in specific contexts, not in general (ARAÚJO, 2007), as well as the extra linguistics variables acting as a group with the other variables, not carrying out, therefore, the influence isolated.

KEYWORDS: Proparoxitones; Syncope; Tonic.